



Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História: diálogos contemporâneos [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-559-4 DOI 10.22533/at.ed.594192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)PENSANDO A CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.5941923081	
CAPÍTULO 2	23
A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES	
Ana Beatriz Morais de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5941923082	
CAPÍTULO 3	34
A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA	
Cláudia Santos Turco	
Eduardo Nazareth Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.5941923083	
CAPÍTULO 4	42
A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM CONSCIENTE DE SI: ANÁLISE DO O CONTRATO SOCIAL E DO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Edson de Sousa Brito	
Vanessa Aparecida Bernardes de Souza	
Tiago Carvalho Lombardi Tosta	
DOI 10.22533/at.ed.5941923084	
CAPÍTULO 5	52
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Fernanda Moreira Silva Rabelo	
José Carlos Ferraz	
Hellayny Silva Godoy de Souza	
Ana Maria Franco Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5941923085	
CAPÍTULO 6	66
A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
Tomoko Kimura Gaudio	
DOI 10.22533/at.ed.5941923086	
CAPÍTULO 7	77
DE IBICABA A SUPERAGUI: APROXIMAÇÕES ENTRE A IMIGRAÇÃO DEDICADA À GRANDE LAVOURA E A COLONIZAÇÃO HAVIDA NO PARANÁ	
Caiubi Martins Dysarz	
DOI 10.22533/at.ed.5941923087	

CAPÍTULO 8	101
AÇÕES POLÍTICAS DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: MODERNIDADE E POLÍTICA EM GOIÁS (1930-1933)	
Ivo Monteiro de Queiroz Claitonei de Siqueira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5941923088	
CAPÍTULO 9	115
ANÁLISE ESPAÇO TEMPORAL DO CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DO BAIRRO COLINA DE LARANJEIRAS – SERRA/ES A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS GOOGLE EARTH	
Rubyana dos Santos Vieira Jordano Francesco Gagno de Brito Eliana Cassia Rocon Daiane Entringer Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.5941923089	
CAPÍTULO 10	121
BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)	
Marcia Regina de Oliveira Lupion Solange Ramos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.59419230810	
CAPÍTULO 11	132
CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO	
Valtuir Moreira da Silva Damiana Antonia Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.59419230811	
CAPÍTULO 12	144
IGREJA CATÓLICA E A FORMAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM SANTA LUZIA D'OESTE/RO (1980-2017)	
Cátia Franciele Sanfelice de Paula Pâmela Kamila da Silva Gomes Andrea Gomes Veríssimo	
DOI 10.22533/at.ed.59419230812	
CAPÍTULO 13	157
FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): UMA VISÃO PROTESTANTE ACERCA DA LUTA PELOS DIREITOS CIVIS	
Vinícius Almeida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.59419230813	

CAPÍTULO 14	166
ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS	
Victor Hugo Basilio Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.59419230814	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	175
ÍNDICE REMISSIVO	176

ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS

Victor Hugo Basilio Nunes

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em História. Goiânia-Goiás.

RESUMO: Este trabalho se desenvolve junto ao terreiro de candomblé Ilê Oju Odé situado em Aparecida de Goiânia-Goiás e nos espaços de atuação deste terreiro, através do Afoxé Omo Odé e da organização do Fórum Goiano de Religiões de Matriz Africana. O Fórum e o Afoxé vêm se constituindo como organização política e se destacando no sentido de apresentar o candomblé para a sociedade goiana e reivindicar seu espaço nela. Concluímos, a partir da experiência no terreiro pesquisado, que o candomblé se constitui como conhecimento alternativo à matriz do pensamento colonial, ou utilizando o conceito de Walsh (2013) como exemplo de uma “pedagogia decolonial”. Talvez possamos dizer que o Fórum e o Afoxé possibilitam aos membros dos terreiros lerem o mundo a partir de si, dos seus valores e proporem algo.

PALAVRAS-CHAVE: Candomblé. Crítica decolonial. Prática de descolonização.

ABSTRACT: This work is carried out by the candomblé Ilê Oju Odé terreiro (cult-house), located at Machado de Assis Street, 37th, neighborhood Cidade Satélite São Luís,

Aparecida de Goiânia-Goiás, and in the spaces where this terreiro (cult-house) operates through Afoxé Omo Odé and the organization of the Goian Forum of Religions of African Matrix. The Forum and Afoxé have been establishing themselves as a political organization and have stood out in order to present candomblé for the society of Goiás and to claim its space in it. We can affirm, from the experience in the terreiro (cult-house) surveyed, that candomblé constitutes as alternative knowledge to the matrix of colonial thought, or using the concept of Walsh (2013) as an example of a "decolonial pedagogy". Perhaps we can say that the Forum and the Afoxé allow the members of the terreiros (cult-houses) to read the world from themselves, their values and propose something.

KEYWORDS: Candomblé. Decolonial criticism. Decolonization practice.

1 | INTRODUÇÃO

Reivindicando a legitimidade do espaço afrodescendente na sociedade goiana, acreditamos que a atuação do Ilê Oju Odé possibilita a valorização do aporte cultural africano, cria um espaço de discussão política, no qual, o terreiro se torna um espaço de ressignificação da vida.

É possível entendermos a atuação deste

terreiro de candomblé como um movimento social e de luta contra opressões, a pesquisa nos mostrou como o Afoxé Omo Odé e a organização do Fórum Goiano de Religiões de Matriz Africana se configuram como importantes espaços no processo de formação identitária e transmissão cultural, em que, o que está em jogo é a possibilidade da comunidade dos membros de terreiros de candomblé de Goiânia e região defenderem seu espaço frente à marginalização social imposta a este grupo.

Acreditamos também que a fala dessas pessoas nos mostrou de que forma essas construções identitárias possibilitam uma reflexão a cerca do papel do Estado, do papel desempenhado por cada um individualmente e do grupo na afirmação da identidade negra em Goiás.

2 | A PESQUISA E O LUGAR DE FALA

A metodologia do nosso trabalho consistiu na junção da pesquisa participante com a utilização de recursos da história oral. Como nos mostra Carlos Rodrigues Brandão (1999) a inserção atenua a distância que separa o pesquisador do grupo com quem pretende trabalhar.

Esta aproximação, que sempre exige paciência e honestidade, é a condição inicial necessária para que o percurso de pesquisa possa, de fato, ser realizado dentro do grupo, com a participação de seus membros enquanto protagonistas e não simples objetos. (BRANDÃO, 1999, p.27)

As reflexões deste autor nos orientaram no sentido de definir a pesquisa participante como uma das metodologias do nosso trabalho. Num primeiro momento buscamos compreender a perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos acerca das situações que vivem. Foram de extrema importância as reflexões metodológicas acerca da pesquisa participante para o entendimento de que é a realidade social com a qual nos deparamos que deve determinar as estratégias metodológicas, e que o método não é algo pronto e acabado podendo ser construído junto com a investigação da realidade social, sobre isto Boterf nos mostra que,

Não existe um modelo único de “pesquisa participante”, pois se trata, na verdade, de adaptar o processo às condições particulares de cada situação concreta (os recursos, as limitações, o contexto sociopolítico, os objetivos perseguidos etc.). (BOTERF, 1999, p. 52)

A história oral serviu à nossa pesquisa uma vez que, objetivamos, ao recorrer à fala de nossos entrevistados, atingir com o máximo de clareza a experiência de organização contra a matriz colonial do poder, que articula a marginalização social e epistêmica, subalternizando saberes e populações, como no exemplo do candomblé. Acreditamos que nosso objetivo foi alcançado por meio da entrevista semiestruturada, levando em consideração que a entrevista possibilita um estudo sobre o relato dos

fatos, filtrados pela subjetividade dos entrevistados. Como nos mostra Manzini (1991) ao recorrermos a uma entrevista semiestruturada para construirmos nosso objeto de análise devemos levar em conta que o fato pode não ter ocorrido da maneira como foi relatado. De acordo com o autor um roteiro bem elaborado não significa que o entrevistado ficará refém de perguntas pré-elaboradas, principalmente porque uma das características da entrevista semiestruturada é a possibilidade de fazer outras perguntas durante a entrevista, na tentativa de compreender a informação que está sendo dada ou mesmo de indagar sobre questões momentâneas que sejam relevantes para a pesquisa.

O horizonte teórico que utilizamos para pensar a organização dos terreiros de candomblé consiste no debate conduzido pelo grupo modernidade/colonialidade/decolonialidade. Para Quijano (2000) a colonialidade implica também um padrão cognitivo, uma perspectiva de conhecimento dentro da qual o não europeu é inferior. O eurocentrismo na experiência histórica da América Latina opera como um espelho que distorce o que reflete. Desta forma quando olhamos o nosso espelho eurocêntrico, vemos uma imagem distorcida.

Dois conceitos são centrais na formalização de repostas à colonialidade do poder: a interculturalidade crítica e a decolonialidade. Como reação à colonialidade, o grupo modernidade/colonialidade/decolonialidade propõe realizar o giro decolonial que significa produzir um pensamento livre, perceber outras formas de vida, economias e teorias políticas. Desprender-se da retórica da modernidade e de seu imaginário que negam outros povos não ocidentais, objetivando, ao mesmo tempo, a decolonialidade do poder, da matriz colonial de poder. É algo que vai além de uma opção teórica mantendo um forte vínculo com movimentos sociais, indígenas e afro-americanos. Como nos mostra Aníbal Quijano (2007) o giro decolonial é um movimento teórico, ético e político questionador das pretensões de objetividade do conhecimento científico, da sujeição dos saberes, da racialização das relações de poder e da internalização da subalternidade nas estruturas subjetivas do colonizado.

Para Walsh (2007), interculturalidade crítica considera que as diferentes culturas são sopesadas em um diálogo entre iguais, o que não significa entendimento, mas possibilidade de falas diversas sem uma pressuposta hierarquização. Transformando a estrutura sócio-histórica, mais que simplesmente reconhecendo ou incluindo, o que tornaria possível um estado plurinacional, em que a diferença se coloca como constitutiva e não adicional como faz o multiculturalismo. Compreende a decolonialidade e a interculturalidade crítica como respostas, no sentido de transgredir as fronteiras do que é hegemônico.

Em síntese, utilizamos a crítica presente no pensamento decolonial como base de nosso percurso metodológico contrariando as metodologias clássicas fundadas em uma filosofia e epistemologia ocidental e compreendendo de forma mais crítica os valores que motivam as práticas de investigação. Entendemos que para este grupo, descolonizar, refere-se também ao ponto de partida metodológico de proximidade e

compromisso com o excluído, além de novas formas de investigação cujo objetivo é a transformação da realidade partindo da noção de que a ciência ocidental já não tem mais o privilégio exclusivo de definir o outro. Acreditamos, portanto, que para além de descrever etapas e processos o mais importante é o nosso lugar de fala e o compromisso pelo direito de falar não ocidental, como nos mostra Juan Pablo Puentes.

Uma perspectiva decolonial não pode evitar o seguinte problema: como ser metodologicamente decolonial quando se é epistemicamente desobediente? (Mignolo, 2010). Faz sentido pensar em uma metodologia decolonial? Como pré-escrever procedimentos de pesquisa que são decoloniais? (...) Com um caráter heurístico, minha resposta será a seguinte: toda pesquisa empírica nas ciências sociais será decolonial, se, e somente se, tender a estabelecer uma interculturalidade prolongada. O último, em vez de ser dirigido do Estado para povos indígenas/afrodescendentes, é dirigido daqueles para o Estado e a sociedade civil. Se algum grupo ou ator precisa do interculturalismo, não são os povos indígenas/originários, mas os Estados e a sociedade em geral, uma vez que os membros dos povos indígenas e afrodescendentes tiveram que ser forçosamente interculturalizados como meio de subsistência (depois de terem sido violentamente submetidos). Este tipo de interculturalidade busca desconstruir discursos monoculturais hegemônicos sobre identidade e cultura e visa considerar as interseções entre etnia, gênero, orientação sexual, idade, religião e nacionalidade que se coesionam no Estado e na sociedade. (PUENTES, 2015, p.5)

O horizonte teórico levantado pelo grupo modernidade/colonialidade/decolonialidade fornece para o nosso trabalho os marcos epistemológicos que orientam nossa pesquisa. Através do conceito de colonialidade do poder entendemos que a naturalização do imaginário do europeu produz a negação de processos históricos não-europeus. Portanto, o eurocentrismo torna-se também a perspectiva cognitiva daqueles educados sob sua hegemonia. Desta maneira o colonialismo se mantém vivo em textos didáticos, na cultura, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos. É neste sentido que histórias como a do primeiro terreiro de candomblé de Goiás, da organização e luta dos terreiros em Goiânia e Aparecida, se constituem como uma resposta à colonialidade do poder. Ainda sobre uma metodologia decolonial Puentes (2015) nos esclarece que,

Isso nos permitirá deixar uma mera enunciação genealógica em torno da decolonialidade, começar a investigar a realidade empiricamente, retomando a ideia da desobediência epistêmica de Mignolo, mas começando a desobedecer desde o trabalho de campo, buscando insistir em uma interculturalidade estendida. Assim, podemos romper com as garantias ontológicas hierárquicas em que os pesquisadores foram (de)formados, evitando a violência epistêmica e buscando, no trabalho de campo, as formas de descolonização metodológica, colocando em primeiro plano e tornando explícito sempre em todos os momentos nossos pontos de partida políticos e nossas ansiedades de que a ciência esteja comprometida eticamente com um projeto de libertação. (PUENTES, 2015, p. 13)

Por essa perspectiva afirmamos que um dos pontos fortes de nosso trabalho está no compromisso e envolvimento com a comunidade na qual a pesquisa se

desenvolveu. Nossa compreensão é sustentada pela afirmação de que “se queremos continuar investigando a partir da opção decolonial, precisamos incluir mais teoria político sociológica e menos teoria literária em seu corpo de pesquisa.” (PUENTES, 2015, p. 3)

Ao entrarmos em contato com as experiências e saberes presentes em um terreiro de candomblé compreendemos assim como Amadou Hampatê Bá (2010) que a tradição oral pode parecer caótica àqueles que não desvelam o segredo e confundir a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. A tradição oral observada no terreiro pesquisado nos mostrou que o espiritual e o material não estão dissociados. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência, arte, história, divertimento e recreação. Neste sentido podemos afirmar que a tradição oral no candomblé resiste à colonialidade do poder constituindo-se como outra episteme oposta à ocidental/moderna, fundada na tradição escrita. Desta maneira a palavra escrita como elemento da autoridade cultural eurocentrada nos remete ao problema de saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita, quando se trata de testemunho dos fatos.

3 | ILÊ OJU ODÉ: A ATUAÇÃO POLÍTICA DE UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ EM GOIÁS

Compreendemos que em um terreiro de candomblé, encontramos, além de religião, uma visão de mundo, valores, práticas, formas de se relacionar com o sagrado, com a natureza, diferentes do cristianismo e da matriz ocidental. Pensa-se o ser humano relacionado a um grande organismo vivo, uma rede de correspondência entre os orixás, a natureza e os humanos, se construindo fora dos binarismos mente/corpo, razão/emoção, indivíduo/natureza, sagrado/cotidiano. Desta forma apresenta possibilidades de se pensar a construção e transmissão do conhecimento como outra epistemologia, que resiste ao modo de pensar ocidental, uma postura perante a vida, um modo imanente que não situa o ser fora da natureza e que considera uma rede de relações entre os seres e a natureza.

Para a comunidade dos terreiros de candomblé o Afoxé na rua representa um momento de celebração da cultura negra e defesa do espaço do candomblé na sociedade goiana. Estas duas características, o legado do primeiro candomblé de Goiânia e a articulação política deste terreiro são o espaço em que inserimos nossa investigação. Marco da inserção dos elementos religiosos afro-brasileiros na sociedade goianiense o Afoxé Omo Odé foi criado por João de Abuque no ano de 1991. Os afoxés são blocos que saem às ruas em cortejos que exaltam elementos da cultura negra, se caracterizam por ser uma modalidade cultural intimamente relacionada ao candomblé, podem ser relacionados aos festejos do carnaval, mas não necessariamente estão presos a esta festa, no caso do Afoxé Omo Odé seu

cortejo ocorre sempre no mês de setembro, percorrendo a região do Jardim Botânico em Goiânia-GO e levando às ruas as roupas, toques, músicas, cores dos terreiros de candomblé.

O Afoxé Omo Odé, criado por João de Abube, hoje é comandado por Luís Lopes Machado, Ogã Megeomam, nas caminhadas anuais que realiza o Afoxé não apenas apresenta o candomblé para a sociedade goiana, mas também luta e resiste por seu espaço nela. Apresentar os elementos do candomblé para a sociedade goiana se caracteriza, portanto, como um ato de resistência frente ao racismo e a intolerância religiosa.

Nas reuniões do Fórum vêm se discutindo as demandas dos terreiros de candomblé. Foi possível perceber que a problemática da intolerância religiosa é muito presente. O Fórum tem um ano de existência e sua principal finalidade é fortalecer os terreiros, buscando ações para superação do racismo e contra a intolerância religiosa. Apesar de ser uma organização coletiva, neste momento o Fórum conta com uma participação muito grande do Ilê Oju Ode e da Associação Mestre Bimba em sua organização. Uma de suas principais ações foi a realização do Primeiro Seminário do Fórum de Religiões de Matriz Africana do Estado de Goiás, com o tema: direitos dos povos de terreiro. Com o objetivo de promover a troca de experiências sobre os direitos dos terreiros, o combate ao racismo e à intolerância religiosa, o seminário foi realizado nos dias 13 e 14 de janeiro de 2017, no auditório da Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) e contou com a participação da mãe de santo Jaciara Ribeiro de Oxum, de Salvador-BA, e autoridades de religiões de matriz africana de Goiás.

O fechamento das ações do seminário consistiu na coleta de dados para mapeamento dos terreiros e construção de um manifesto em defesa dos terreiros. Este documento foi construído coletivamente por integrantes da umbanda, candomblé, movimento negro e sociedade civil que se manifestaram com relação a alguns pontos referentes às suas religiões, direito e legislação, saúde e educação. No encerramento foram feitas homenagens às mães de santo.

A convivência semanal por mais de seis meses, entre 2016 e 2017, no terreiro Ilê Oju Odé e as entrevistas realizadas mostraram que há uma tomada de consciência, organização coletiva e projeto político nas ações desenvolvidas pelo terreiro estudado, sendo estas, o Afoxé Omo Odé e o Fórum Goiano de Religiões de Matriz Africana. Percebemos que além da organização e atuação coletiva há a proposição de um projeto político: defender seu espaço e seus direitos na sociedade goiana, combatendo a intolerância religiosa e o racismo.

As entrevistas e a convivência no terreiro nos leva a crer que um aspecto importante da pedagogia decolonial presente no Fórum e no Afoxé é “a ideia de que o conhecimento da sociedade deve partir da prática, entendida como expressão vivencial e como fundamento epistêmico lógico” (WALSH, 2013, p. 82). Reivindicando a legitimidade do pensamento afrodescendente acreditamos que a atuação do terreiro

Ilê Oju Odé na organização dos terreiros de candomblé possibilita a valorização do aporte cultural africano, cria um espaço de discussão política no qual o terreiro se torna um espaço de ressignificação da vida. Nossa experiência no terreiro nos mostrou a complexidade desta realidade social, marcada por uma relação de sociabilidade que, assim como destaca Walsh ao estudar as pedagogias decoloniais, produzem uma “intersubjetividade, reconhecimento mútuo, solidariedade subalterna” (WALSH, 2013, p. 173).

Nossa pesquisa foi participante e sistemática, uma vez que nos envolvemos e participamos efetivamente das atividades religiosas do terreiro, das reuniões do Fórum, do primeiro seminário do Fórum e da organização e apresentação do Afoxé na caminhada de rua. Outra questão fundamental para nosso trabalho foi a boa relação com as duas pessoas que lideram o terreiro Ilê Oju Odé, foram fundamentais, pois proporcionaram condições especiais para o desenvolvimento da pesquisa, nos dando livre acesso a lugares e fatos da história deste terreiro.

Antes mesmo da conclusão desta pesquisa já havíamos alcançado o mais gratificante resultado: as amizades que surgiram ao longo destes meses. Eu, que não tenho em minha trajetória de vida um histórico de luta contra o racismo e a intolerância religiosa, fui acolhido nesta comunidade que permitiu que o que eu vi e ouvi fosse relatado em minha dissertação.

Estar em contato direto com a organização dos terreiros de candomblé pensando as questões levantadas por parte dos estudos decoloniais nos levou a observar primeiramente os objetivos de índole intelectual e política de nosso trabalho. Esta reflexão nos levou a perceber que nosso compromisso com a comunidade estudada tem como objetivo reivindicar a legitimidade do pensamento afrodescendente na sociedade goiana, através do candomblé. Buscamos inspiração no compromisso social que Frantz Fanon nos mostra ao afirmar que, “O negro não é. Não mais que o branco. Os dois têm que separar-se das vozes desumanas que foram de seus respectivos antepassados para que assim nasça uma genuína comunicação.” (FANON, 1973, p. 191). Desta forma destacamos que em nosso caso, o terreiro é um espaço de ressignificação da vida.

Acreditamos que o Afoxé e o Fórum se constituem como espaços de conscientização e luta, e que seu objetivo maior é intervir na estrutura racial de nossa sociedade através do combate ao racismo e a intolerância religiosa. Acreditamos também que a luta dos terreiros de candomblé em Goiânia e Aparecida, que pudemos acompanhar nestes últimos meses, se aproxima do que Walsh (2013, p. 24) quer dizer ao afirmar que “a crise da colonialidade do poder sugere rachaduras, rupturas na ordem e nos padrões de poder, transição e revolução”.

Através das entrevistas e da convivência pudemos concluir que o Fórum é uma organização dos terreiros para defender seus interesses, resolvendo seus problemas através de uma articulação política e social. Dessa forma, religião e organização política se misturam na busca por encontrar saídas para os problemas criados por

uma sociedade racista, o que faz surgir a necessidade de organização dos terreiros.

4 | CONCLUSÃO

A pesquisa nos mostrou que se quisermos podemos pensar uma relação entre o candomblé e o debate conduzido pelo grupo modernidade/colonialidade/decolonialidade. Podemos afirmar, a partir da experiência no terreiro pesquisado, que o candomblé se constitui como conhecimento alternativo à matriz do pensamento colonial, ou utilizando o conceito de Walsh (2013) como exemplo de uma “pedagogia decolonial”. Em nossa compreensão esta forma de transmissão do conhecimento dentro do candomblé produz outra sociabilidade que estabelece uma relação entre a atuação política e a aprendizagem no candomblé como outras epistemologias, alternativa à matriz colonial do poder, do saber e do ser.

A convivência com a comunidade dos terreiros de candomblé nos mostrou também que o candomblé não deve ser tomado como um objeto a ser observado, mas sim como um modelo epistêmico, que as pessoas que formam essa comunidade não precisam que pesquisas acadêmicas deem a elas espaços de fala, pois a fala delas já é ouvida a partir de suas práticas, de sua resistência, de sua história, de seus atabaques, de seu sagrado. Percebemos também que nossa pesquisa é apenas um mecanismo através do qual essa fala é apresentada, que este artigo é um encontro de saberes que ele em si é um exercício decolonial.

Por fim, confirmamos as hipóteses que levantamos no início de nossa pesquisa: a atuação do Ilê Oju Odé se caracteriza como prática de descolonização, uma vez que, através do Fórum e do Afoxé, organiza a comunidade dos terreiros de candomblé de Goiânia e região metropolitana no combate ao racismo, à intolerância religiosa e a invisibilização imposta aos praticantes dessa religião na sociedade goiana. Concluimos também que não há a vacância do poder de pai João, ainda que dentro da ritualística do candomblé o herdeiro do Axé não tenha se apresentado, nas relações entre o povo de santo o Ilê Oju Odé, através de Yá Omualé e Ogã Megeomam, são reconhecidos como a continuação do Axé de pai João de Abuque.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BOTERF, Guy Le. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FANON, Frantz. **Piel negra, máscaras blancas**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Abraxas, 1973.

HAMPATÉ BÂ. Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.) **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

PUENTES, Juan Pablo. Descolonización metodológica e interculturalidad. Reflexiones desde la investigación etnográfica. In: **Revista Latinoamericana de Metodología da las Ciencias Sociales**, Buenos Aires, Argentina, vol. 5, no. 2, ISSN 1853-7863, diciembre 2015.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2000.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.) **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, Colômbia: Siglo del Hombre Editores, 2007.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder: Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, Colômbia: Siglo del Hombre Editores, 2007.

WALSH, Catherine. Introducción: Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: WALSH, Catherine (Org.) **Pedagogías decoloniales: Prácticas isurgentes de resistir, (re) existir y (re) viver**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya Yala, 2013.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna

Análise espaço

C

Cibercultura

Ciências política

Ciências sociais

Colonização

D

Direitos civis territorialidades

E

Ensino de história

Exponere

F

Feminismo

Filosofia

Fontes documentais

Formação do homem

H

Historiografia

História dos costumes

História intelectual

Historiografia

I

Igreja católica

Imigração

L

Literatura

Lutas

M

Meio ambiente

Memória

Micro-história

O

Organizações sociais

P

Política

Populismo

Protestante

R

Relações de trabalho

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-559-4

